

Relatório das Atividades no Laboratório

Terça-feira, 15 de Abril de 2014

Algo explodiu, não sei o que (desculpe, dr. Steffen, eu não estava prestando atenção!).

Doutor Steffen desceu as escadas até o laboratório com um ~~negócio de vidro~~ tubo de ensaio cheio de um líquido azulado. Ele então se aproximou dos outros tubos e começou a fazer a mistura do azulado com o amarelo, que estava no becker aquecendo a fogo baixo.

Provavelmente, ele fez também algum outro experimento que não tive a oportunidade de observar porque minha ~~namorada~~ mãe ligou e eu precisei atender porque meu tio estava doente no hospital e pensei que talvez ela pudesse ter notícias dele.

Interrompi a ligação assim que ouvi o barulho das chamas. Dr. Steffen estava sacudindo seu braço, tentando apagar as chamas em uma tentativa inútil,

pois o maior cientista do mundo não percebeu que quanto mais movia o braço, mais chamas começavam a se espalhar pelo resto da manga do jaleco. Vai entender esses gênios...

Eu ia tentar ajudar o doutor, juro, mas no momento em que me levantei do banco e em que comecei a ~~caminhar~~ correr até o homem em chamas, a explosão aconteceu. Doutor Seffen não me deixa ficar muito perto dos experimentos, justamente porque há a possibilidade de algo do tipo acontecer, então sou o único com a ~~inteligência~~ capacidade o suficiente para extinguir as chamas.

A explosão quebrou boa parte dos balões e tubos do laboratório, mas pelo menos o doutor estava vivo. Ele correu para as escadas e acabou tropeçando e caindo de costas, eu peguei um dos baldes de água que ele deixa por perto e joguei nele. A água apagou boa parte das chamas, e o que não foi apagado por ela ele apagou com as gotas que escorriam pelo braço.

Quarta-feira, 16 de Abril de 2014

Era um belo dia para se trabalhar em laboratório infernal. Principalmente com a combinação do laboratório e minha namorada me dando o fora porque não consegui encontrar com ela na frente do cinema, pois estava tentando salvar a vida de um gênio moderno. Por alguma estúpida razão, ela não entendeu isso. Vai entender essas mulheres...

Contei o que aconteceu para o doutor, ele murmurou “não ligo” e começou a trabalhar novamente.

Essa caríssima pessoa que chamamos de dr. Carlos Steffen aconselhou-me a transcrever alguns dos diálogos interessantes do dia aqui. Claramente, ele pensa que possuo a memória de um elefante.

– Minha cabeça está me matando – o doutor disse.

– Será que tem algo a ver com a explosão de ontem, doutor?

Ele pegou seu jaleco de um cabide e o vestiu. É engraçado o quão “cientista maluco” ele se parece quando põe o jaleco, talvez seja a combinação do curto cabelo grisalho com os óculos achatados.

– Claro que não, e vista seu jaleco! – intensificou o final, como se fosse de minha responsabilidade saber que deveria pôr o jaleco.

“Mas é de sua responsabilidade” ele gritou para mim agora a pouco, enquanto lia o que eu escrevia.

Meu cabelo louro escuro não combinava muito com o jaleco, embora, após tanto tempo sem lavar, até que ele também parecia meio amarelo.

– Desculpe se sou a única pessoa daqui que se preocupa com o que aconteceu ontem – retruquei.

– Tudo bem você se preocupar, mas não há motivo para tal preocupação, eu me encontro em um bom estado, tanto físico quanto mental. Vê?

– Se o senhor diz, quem sou eu para dizer o contrário?

Trabalhamos em experimentos menores pela manhã e, durante a tarde, continuaríamos a trabalhar no principal, o experimento que estou documentando para o relatório desde o início do ano.

Terminei a primeira parte do relatório e saí para almoçar no restaurante da quadra ao lado (o arroz estava péssimo). Perguntei se o doutor se juntaria a mim para discutirmos sobre o projeto, mas ele achou melhor comer no laboratório mesmo. Em vez disso, chamei Débora para o almoço e a convenci de que separação não seria uma boa ideia, especialmente depois de ela ter começado a mudança lá pra casa. As vezes sou tão incrível em convencer pessoas que penso que deveria entrar para a política.

13:30

O corredor que dava para o laboratório tinha sido recentemente lavado pelas empregadas. Quase resvalei e caí, mas isso não interessa.

A porta estava trancada, o que era incomum para o doutor Steffen, que tem a política de que “um laboratório trancado só pode significar uma coisa: problema ou catástrofe”. Destranquei a porta.

Desci as escadas, pus meu casaco no cabide e vesti o jaleco, pois já tinha percebido de que era minha responsabilidade saber quando colocá-lo.

Não vi o doutor em parte alguma, até mesmo dei três batidas na porta do banheiro e não recebi resposta. Pensei que tivesse saído para dar uma volta ou resolvera almoçar fora do laboratório.

Sentei no meu banco e comecei a escrever a parte que leu acima. Já havia escrito “pensei que tivesse”, foi quando ouvi que algo acontecia com os novos balões e tubos de ensaio que colocamos pela manhã. Eles pareciam se mover sozinhos. Havia colocado o banco bem para trás, pois queria me escorar na parede, então pensei que talvez fosse algum truque da luz.

Levantei-me e me aproximei da mesa dos experimentos lentamente, tudo continuava a se mexer sozinho, mas agora percebia claramente que não era um truque da luz. Se era, a luz mereceria um Oscar de melhor performance.

Tubos voavam pelo ar e líquidos se misturavam magicamente. Tão “magicamente” que olhei a sala toda procurando por Merlin, mas estava sozinho. Estava também me escorando a parede fortemente, minhas costas doíam e meus olhos ardiam pois não piscava e deixava eles arregalados a toda hora.

Pigarreei e um dos tubos de ensaio caiu no chão, o outro na mesa, mas não se quebrou, embora o líquido dentro dele tivesse sido espalhado e escorreu até a ponta e, aí sim, caiu no chão.

– Alguém aqui? – perguntei. – Vá para a luz!

– Sou eu, inteligência! – a voz do doutor falou.

– Doutor? – perguntei.

– Quem mais poderia ter trancado a porta?

– Não sei, mas... Ah! Onde é que você tá? – não sabia para onde mover minha cabeça. Comumente, olho as pessoas nos olhos, então estava perdendo a cabeça naquela situação.

– Aqui – ele tocou meus ombros com as mãos para que eu tivesse uma noção de posição. Estava bem na minha frente.

– O que aconteceu com você, doutor? – perguntei enquanto procurava seu rosto para tocar, apenas por fascínio.

– Eu não sei – ele disse e pareceu ter se afastado, pois sua voz ficou distante, perto da janela que mostrava o movimento da tarde na cidade. – Estava aqui comendo meu sanduíche enquanto via os carros passando e só foi depois que o ketchup caiu na minha mão que notei que estava desaparecendo.

– Ah-ha! – exclamei com satisfação. – Quem é o gênio agora, hein? Eu disse que a dor de cabeça podia ter algo a ver com a explosão de ontem!

– A dor de cabeça não precisa ter exatamente algo a ver com *isso*.

– Admita – cruzei os braços.

– Não.

– Então boa sorte tentando voltar a ficar visível, doutor – e fingi caminhar até o cabide com meu casaco.

– Tudo bem, você é o gênio! – não pareceu realmente querer dizer aquilo, mas contava mesmo assim.

– Eu sabia que lá no fundo você acreditava nisso – não liguei para o sarcasmo na voz dele na hora. – Agora... só precisamos saber o que havia na fórmula de ontem. Sabe onde ela estava escrita?

– Não gosto de deixar nenhuma fórmula por escrito, outros podem roubar – disse emburrado.

– Você tá brincando, não é?

– Não. Disse-lhe isso no dia em que veio estagiar aqui!

– Verdade. E agora, como vamos fazer isso?

– Não há como saber, ficarei assim para sempre.

Avise minha esposa que agora ela é casada com um homem invisível.

– Você não possui uma esposa, doutor. E sabe o que é engraçado? Suas roupas também ficaram invisíveis, como isso poderia acontecer?

– Bom... – e parou de falar por um momento.

– Doutor!! – elevei minha voz bravamente.

– Não, não... O que eu ia dizer era que não troquei de roupa!

– Ah, menos mal! Já sei, dê-me o jaleco – estendi minha mão e algo pousou sobre ela.

Procurei pela ponta de baixo e tentei ver algo no microscópio, mas foi uma terrível ideia, pois não vi nada. Mergulhei a ponta num becker cheio de água que havia sobre a mesa e pude fracamente ver uma ponta da roupa. Vi algo no microscópio, mas foi inútil também, complexo demais para o meu conhecimento.

15:43

Estávamos sentados juntos perto da janela, sem saber o que poderíamos fazer.

– Ah, meu Deus – disse entusiasmadamente ao notar algo na parede do laboratório.

– O que foi? – o doutor disse.

– Não acredito que não percebi isso antes? Que idiota eu sou!

– Concordo. O que foi?

– Melhor começar a elogiar, pois você também não percebeu isso!

– O que? – morria de curiosidade.

– Empresa de alta tecnologia, doutor. Equipamento de alta qualidade. Como podem ter certeza de que ninguém roubará nada? – não houve resposta, mas podia praticamente ouvir seu cérebro tentando decifrar o que havia dito. – Câmeras de segurança!

Apontei para a câmera no canto da sala.

Corri para fora da sala, olhando todas as placas nas paredes para ver onde os vídeos poderiam estar. Achei eles na Sala de Segurança, como o pessoal da empresa etiquetou o local.

Os vídeos não possuíam som, o que era deprimente, mas consegui anotar todas as combinações até que se chegou naquela coisa que deixou o doutor invisível.

Claro, precisei desembolsar vinte pratas para que o segurança me deixasse ver as filmagens do dia anterior, mas valeu a pena.

*Lembrar o doutor que ele precisa
me pagar vinte reais.*

– Eu realmente espero que você tenha extras de tudo o que usa – disse assim que entrei no laboratório.

– Claro, seria estúpido se não tivesse.

– Não, estúpido é você não anotar a fórmula!

– Vou começar a fazer isso, prometo.

18:04

Passamos um bom tempo arrumando tudo novamente. E considerando que fizemos em poucas horas o que conseguimos descobrir em uma pesquisa que seguia desde o início do ano, até que nos saímos bem.

– Sabe o que é engraçado? – perguntei.

– O que?

– Estamos tentando recriar todo o projeto, mas não para que ele dê certo, e sim para que ele dê errado!

Ele riu.

– Tudo pronto – disse e me afastei bastante. – Agora você faz o que quer que tenha feito que fez tudo explodir.

– Deseje-me sorte. E agora é só torcer para que isso vá me trazer a visibilidade.

Me preparei para a explosão e ela veio novamente. O doutor continuou sem ser visto, mas as chamas sobre ele estavam muito bem visíveis. Joguei água sobre ele, como da última vez, e tudo ficou bem.

19:30

– Sabe, eu acho que era a água, esse foi o ingrediente final, pois fez uma reação com o que já estava em mim e nas minhas roupas e misturou tudo.

– Sinceramente, doutor, eu não me importo. Pelo menos tudo deu certo!

– Sim, isso deve ser o mais importante, realmente. E vejo que você documentou tudo, certo? – ele observou o caderno de anotações.

– Sim, claro!

– Ótimo, ótimo. Agora... queime isso!

– O que?

– Não quero que haja a possibilidade de outras pessoas lerem isso, principalmente outros cientistas!

– Tudo bem, doutor, vou queimar mais tarde! Agora vamos embora, eu estou exausta!

– Tudo bem, Isabela, nós podemos encerrar as atividades por hoje!

E então saímos do laboratório.

Ele deve estar maluco se acha que eu vou queimar esse relato de tudo o que aconteceu!